ANNO XXIV DE O POVO DE AVEIRO — DOMINGO, 19 DE MARÇO DE 1905 — N.º 1:092 DE O POVO DE AVEIRO

Redacção e administração
R. de S. Martinho
AVEIRO

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR, Manuel Homem Christo

Numero 293

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2$500. Semestre, 1$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Annuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

6.º ANNO

RUSSIA E JAPÃO

Consumou-se a grande derrota da Russia, já prevista quando escreviamos o nosso ultimo artigo editorial. E esse acontecimento tem bastante importancia para que mereça bem mais um artigo d'esta secção.

Devemos insistir, sobretudo, em chamar a attenção para este ponto culminante: a derrota da Russia é o fructo do despotismo, como o foi a derrota da França em 1870, a derrota da Hespanha na sua lucta com os Estados Unidos, e como será a derrota de Portugal, na primeira occasião em que tenha de combater com um inimigo de regular organisação militar e politica.

E' necessario que o espirito publico se esclareça completamente a esse respeito. Como já uma vez dissemos aqui, raramente os jornalistas apreciam com verdade as causas dos grandes desastres militares. Em geral, como tambem aqui dissemos, vão na corrente das apreciações dos escriptores profissionaes. Ora estes homens, subordinados a um criterio mesquinho, vêem sempre a causa das derrotas em peores ou melhores armamentos, em mais ou menos disciplina, e em maior ou menor erro de manobra. Assim, agora mesmo estão attribuindo os grandes desastres da Russia a uma supposta incuria de Kuropatkine, e á sua supposta insufficiencia como generalissimo. Ora a verdade é que se Kuropatkine não é um genio, tambem está muito longe de ser um imbecil, e que poderia ser um genio á vontade que não deixaria, por isso, de succumbir desastradamente. Os que escrevem d'esse modo, acceitando inconscientemente o jogo dos partidarios do czar, que—processo velho em todos os regimens moribundos—querem agora descarregar sobre um homem as culpas e as iniquidades d'um regimen, os que escrevem d'esse modo esquecem-se de que se o genio de Napoleão triumphou, e o talento militar de Moltke, foi porque qualquer d'elles tinha ás suas ordens um exercito admiravelmente organisado. Napoleão não creou coisa nenhuma, porque a Revolução tinha já creado tudo. Foi a Revolução que creou os soldados, os officiaes, os generaes e a propria tactica de que elle se serviu, como se vê, e irá vendo, dos artigos que, sob o titulo *Espirito Democratico*, estamos n'outro logar publicando. Moltke, continuando um plano anteriormente concebido, com extraordinaria persistencia e paciencia, executando o pensamento da Allemanha inteira, preparou o exercito para as victorias de 1870.

Tanto Napoleão, como Moltke, e Napoleão em especial, eram homens dotados de excepcionaes faculdades militares. Mas o que é certo é que o genio d'um homem, ou a sua habilidade, só por si é impotente, e succumbirá sob a incapacidade geral se a tempo não a souber eliminar.

Não é preciso ser sabio para perceber esta simples verdade.

Kuropatkine nada podia ter feito como ministro da guerra, já porque um exercito não se prepara em meia duzia de mezes, já porque na Russia, como em Portugal, como na França antes de 1870, o ministro da guerra era um simples *amanuense* do chefe do Estado. Quem mandava na Russia, e quem manda, é o czar, é o despota, obedecendo ás suas proprias phantasías, ou ás phantasías da camarilha que o cerca.

Kuropatkine era um agente subalterno no ministerio da guerra, como tem sido um agente subalterno no campo das operações. Ninguem ignora como os seus planos e resoluções teem sido constantemente contrariadas, e como a maior parte dos seus passos teem sido dados, não por iniciativa propria, mas por imposições de S. Petersburgo.

Essa tem sido a causa principal do insuccesso do exercito russo, como foi a causa principal da sua desorganisação. Generaes, officiaes, sargentos, soldados, sabendo que o chefe não é mais que um agente secundario, e que todo o poder, e que todas as graças dimanam d'outra origem, naturalmente perderam o espirito de disciplina e cohesão que constitue uma das grandes forças dos exercitos.

O exercito russo tem-se salientado por uma profunda ignorancia—ainda agora o marechal Oyama registou o facto espantoso d'elle não conhecer o proprio terreno que pisava, tal e qual como aconteceu ao exercito francez em 1870—e por uma formidavel indisciplina. Tudo isso se comprehende muito bem. Desde que a lei no exercito russo era o favoritismo, desde que o estimulo honrado fôra substituido pela vil subserviencia, é evidente que ninguem procurava sériamente instruir-se. Procuravam todos, simplesmente, *agradar*. Desde que o poder não era transmittido de grau em grau, sem usurpações e intervenções que o enfraquecessem, a disciplina, fatalmente, desapparecia.

Os generaes habeis do exercito francez, em 1870, tiveram de subordinar todos os seus pensamentos e todos os seus planos á defeza do regimen. Mac Mahon não queria marchar sobre Sédan. Marchou, porque a imperatriz lhe ordenou que marchasse, advertindo-o de que retroceder sobre Paris seria *sacrificar o imperio*. Na paz, na guerra, o exercito francez só teve um fim: *salvar o regimen*.

O mesmo se póde dizer do exercito russo: na paz, na guerra, só tem tido um fim: *salvar o regimen*. Mas estando a nação divorciada do regimen, como estava a França em 1870, o exercito russo só poderia encontrar, n'essas condições, o que encontrou o exercito francez, isto é **a derrota, o aniquilamento, a vergonha.**

O mesmo succederá em toda a parte.

E' preciso proclamar bem alto esta verdade. Que a proclamem, ao menos, os jornaes republicanos. Saibamos ver claro, para tirar dos factos as suas legitimas conclusões.

Kuropatkine só tem feito com habilidade aquillo que as camarilhas de S. Petersburgo lhe não teem ordenado: *retirar*. As camarilhas de S. Petersburgo ordenam-lhe movimentos conforme o perigo que correm as instituições. Quando a revolução ameaça, quando o sentimento popular se exalta, dizem-lhe: *avance, combata, veja se ganha uma batalha*. Tal e qual como na França em 1870!

E o desgraçado avança, sabendo que não deve avançar, combate sabendo que não póde combater.

E' simplesmente uma victima, uma grande victima do regimen odioso que o povo russo detesta.

Só uma coisa lhe não teem ordenado as camarilhas: *que retire*. Isso não! Pois é a unica que o desgraçado tem feito com habilidade. Quando foi obrigado a proceder sob sua unica iniciativa e responsabilidade, *procedeu bem*.

Porque a verdade é que Kuropatkine tem mostrado ahi, á evidencia, que não é um tolo. Todas as suas retiradas teem sido habilmente feitas. Até esta ultima, não obstante a debandada, muito facil de comprehender, de numerosas fracções de tropa. Por mais esforços que os japonezes tenham feito, ainda não conseguiram cerca-lo, como os allemães, com relativa facilidade, cercaram os francezes em Sédan, nem cortar-lhe a retirada. Justiça a todos.

E' lamentavel que os jornaes republicanos, n'um paiz onde o exercito exerce precisamente as funcções do exercito russo, muito inferior a este, no emtanto, sob todos os pontos de vista, se limitem a apreciar a campanha russo-japoneza, fazendo estendal de sympathias pelo Japão e d'odios demagogicos pela Russia. Façam mais alguma coisa. Affirmem bem alto que o exercito russo succumbe porque era o exercito do rei, em vez de ser o exercito da nação.

E não digam mais nada. Dizendo isso teem dicto tudo.

EM ESPINHO

Communica-nos o nosso illustre correligionario, dr. Bessa de Carvalho, que se elegeu no domingo passado a Commissão Municipal do Partido Republicano em Espinho, ficando assim constituida:

Dr. José Joaquim Bessa de Carvalho—Proprietario; Francisco Joaquim Pereira de Rezende—Negociante; Bernardo Ramos—Proprietario; Manuel d'Oliveira Granja Caralinda—Negociante; Alberto Delgado—Pharmaceutico.

Folgamos vivamente com o facto, por varios motivos, e alegremente o registamos.

Espinho pertence ainda a este districto. Mais um motivo para nos ser agradavel a noticia.

Sabemos que os nossos correligionarios d'aquella localidade estão animados dos melhores intuitos e dispostos a trabalhar com enthusiasmo.

Ávante. E' indispensavel que as forças democraticas se organisem sériamente por toda a parte, ou não haverá meio algum de salvar o paiz.

Ávante.

O CONVENTO DAS CARMELITAS
E OS
Reaccionarios d'Aveiro

Parece que foi superiormente approvado o projecto da nova avenida do Terreiro, tal qual o sr. presidente da camara o delineara. Se assim é, maiores responsabilidades caberão ao sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto, se, mercê de influencias de qualquer ordem, deixar de o executar.

Nada sabemos a esse respeito. Affirmam-nos mesmo, como já dissémos, que o sr. presidente da camara está resolvido a não transigir, fazendo obra limpa. Mas isto é tão raro em Aveiro, queremos dizer, tão porcas teem sahido quasi todas as obras de interesse publico, levadas a cabo entre nós, que, tratando-se d'isso, ficamos sempre em desconfiança.

E' certo que teem feito excepção a essa regra os melhoramentos iniciados e executados pelo sr. Gustavo. Mas este agora mette, por motivos varios, interesses differentes em jogo.

Teremos obra limpa, ou vencerá d'esta vez a tradicção das porcarias indigenas?

Esperamos que o sr. Gustavo faça obra digna de si.

Remendos, é melhor não os fazer. Obra que no fim resulte um nojo, mais vale não a executar. Mais uma vez ousamos lembrar ao sr. presidente da camara que não comprometta a bella administração que tem feito até aqui, e, por conseguinte, o seu nome, com transigencias faceis, que redundem na falta do cumprimento d'um dever, ou em remendos vergonhosos.

N'esse ponto, não transigiremos nós de modo algum. Façam o que quizerem. Mas terão que nos ouvir como representantes da opinião independente. Que é muito grande em Aveiro, como em toda a parte, desenganem-se. Póde muito a razão e a justiça, por mais corrompido que esteja o meio onde tenham que se impôr. A grande força d'este periodico, força que os nossos proprios inimigos reconhecem pela furia com que nos atacam, está n'isso mesmo. Não representamos, nem nunca representámos, interesses de grupos ou de individuos. Não sacrificamos, nem sacrificámos jámais, a verdade e as conveniencias publicas a coisa nenhuma. Por isso temos tido sempre a apoiar-nos, em todas as questões de grande vulto, a corrente irresistivel da opinião honesta. E com ella temos vencido, algumas vezes contra tudo e contra todos.

Se o sr. presidente da camara quer ter do seu lado esse elemento poderoso, continue a servir honradamente os interesses locaes. Não faça porcarias! E applaudi-lo-hemos calorosamente. Senão, não.

O convento não tem nenhum merecimento artistico. Absolutamente nenhum. O pequenino Domingos é simplesmente ridiculo, como os seus homunculos da *camara do commercio*, como a sua gente da *grande* chafarica francacea que se intitula irrisoriamente *Associação Commercial*, quando falam do convento das Carmelitas como se fora o convento dos Jeronymos ou o convento da Batalha. Simplesmente ridiculos. Nem elles nunca foram outra coisa, em tudo e por tudo. Rancorosos, vaidosos, intrigantes, escravos de todas as paixões, mas, acima de tudo, ridiculos.

A maneira porque elles falam do convento das Carmelitas dá vontade de rir a todo o mundo que tenha dois dedos de senso commum. Dir-se-hia que existe em Aveiro um novo convento da Batalha!

Respeita-se o convento da Batalha, evidentemente. Como o convento dos Jeronymos. Como a Sé Velha ou Santa Cruz de Coimbra. Como qualquer d'essas reliquias que todo o mundo conhece e admira. Mas as *preciosidades artisticas* do convento das Carmelitas até para os de Aveiro são uma novidade, quanto mais para o resto do paiz. Conservem a egreja, se querem, e já não fazem pouco. Mas, emfim, como a egreja vale alguma coisa, e como em logar d'ella iriam fazer outra que redundasse na *gloria artistica* que a projectada egreja da Vera-Cruz, por exemplo, representa, vá lá que se conserve a egreja. Mas mais nada, nem coro, nem coretos, porque mais nada vale coisa nenhuma. Ha no coro, ou seja onde fôr, meia duzia d'azulejos de valor? Mudam-se os azulejos e está tudo remediado. Não se sacrifica a meia duzia d'azulejos uma obra de vulto e de incontestavel utilidade publica.

Informam-nos que toda a questão é estar combinado dar o titulo de visconde das Carmelitas ao pequenino Domingos, o marechal de Liliput, quando fôr do governo dos francaceos. Jayme seria conde do Carmo. Domingos seria visconde das Carmelitas. Todo o esforço dos francaceos a favor do convento vem d'ahi. Esforço tamanho que os levou a ir vergonhosamente mendigar o auxilio do sr. Mattoso, ao mesmo tempo que no ignobil pasquim, que na localidade os representa, se associavam á campanha

feroz iniciada contra o sr. José Luciano, nos termos indignos que se conhecem. E o sr. Mattoso não duvidava solicitar o favor de seu irmão a favor d'aquelles que lhe dirigiam as ultimas injurias!

Creaturas honestas, até alli.

E' claro que, por mais ignobeis que sejam os francaceos d'Aveiro, um motivo haveria para tal attitude. Ora informam-nos que o motivo era esse. Domingos é Carmo em tudo. Come Carmo, bebe Carmo, cheira Carmo, sonha Carmo e veste Carmo. Copeiro do Carmo, mordomo do Carmo, couteiro do Carmo. Uma segunda edição de Carmo. Um Carmo pequenino. N'essas condições, e tendo elle fatalmente de ser visconde, não podendo ser visconde do Carmo só poderia ser visconde das Carmelitas. Eis o grande caso!

Se o convento vae abaixo, Domingos não póde ser visconde das Carmelitas. E' indispensavel, para honra, gloria e lustre dos francaceos, que o convento fique. E que fique exaltado, engrandecido, ennobrecido. Aquillo é um thesoiro! Aquillo é um monumento! Aquillo é uma preciosidade artistica! Nem se sabe o que ali está! Se aquillo não fôr um monumento, os francaceos não ficarão sufficientemente honrados com o futuro visconde das Carmelitas, o segundo tomo do Carmo, o alter ego de Jayme, o grande marechal do partido na terra illustre de José Estevão.

Eis o grande caso! Eis porque a *camara do commercio* assopra! Eis porque bufa a *Associação Commercial!*

E' o futuro titulo de Domingos, que está em jogo! E' a *honra do convento*. Não já do convento das Carmelitas, mas do convento do Carmo, isto é, da grande grey francacea!

Gloria a Deus no céo e ao pequenino Domingos na terra!

Domingos, que é a mais fina joia que se engasta no diadema do soberano Jayme!

Se o sr. Gustavo, e o sr. governador civil, vinham a transigir com isso, até o diabo se ria.

Voltaremos ao assumpto.

Espirito Democratico

Por necessidade urgente de dar n'este numero maior publicidade a assumptos locaes, não podemos hoje dar logar ao artigo da série que estamos publicando.

PATARATAS

Pelo que se deprehende da local que, sob o titulo *eleição da commissão municipal republicana*, publicou o *Progresso de Aveiro*, entrou para a redacção d'este periodico, agora reformada com a morte de José Eduardo d'Almeida Vilhena, o malandro mór do syndicato das heranças.

Registamos, para todos os effeitos.

Engana-se a gazeta. Entre os republicanos de Aveiro não ha discordia nenhuma, nem grande, nem pequena. A discordia é simplesmente entre elles e os malandros que os monarchicos destacam na espectativa e esperança de os embaraçarem.

Mas descancem os malandros todos. A commissão municipal republicana é, foi e ha de ser republicana, e só republicana. Já lá vae o tempo em que o partido republicano estava á mercê de todos os quadrilheiros. Já lá vae! Não passam impunemente os annos e as licções.

A gazeta não desgostava de vêr os republicanos de Aveiro anniquilados, ainda que o elemento de anniquilação viesse dos francaceos. Já cá se sabia! Mas, outra vez o dizemos, vae-se registando sempre.

Pois não, meninos. Seria engraçadissimo, na verdade, que os republicanos de Aveiro fossem eleger para a commissão municipal os malandros que hontem conspiraram contra a lista official do partido, e que a direcção superior do partido confirmasse essa eleição.

Não se incommodem! Estejam tranquillos!

PROTESTO

Recebemos o protesto que se segue, que não só publicamos com satisfacção, como a elle nos associamos com toda a energia das nossas convicções.

E' um verdadeiro attentado aquelle que a tal firma Brandão, Gomes & C.ª acaba de commetter.

Já estava paginada a primeira parte d'este periodico quando recebemos o protesto e como nos escasseia hoje o espaço deixaremos para outra occasião os commentarios que este e outros casos reclamam.

— —

Tendo chegado ao conhecimento da Commissão Municipal Republicana de Espinho que o cidadão Antonio de Freitas Faria Salgado fôra sob um futil pretexto dispensado dos seus serviços de empregado do escriptorio da casa Brandão, Gomes & C.ª de Espinho;

Considerando que o verdadeiro motivo não foi a causa alegada, mas a sua comparencia á reunião do partido republicano que se effectuou no dia 12 do corrente; e, portanto;

Considerando que á face dos principios modernos é um attentado ao sagrado direito de opinião o procedimento da referida firma;

Considerando mais que esta arbitrariedade foi attingir um dos nossos mais prestimosos correligionarios, pelo seu caracter honesto e pela sua conducta irreprehensivel, quer como cidadão, quer como empregado commercial;

Resolveu protestar com toda a energia contra o facto acima relatado e aproveita o ensejo de manifestar a sua profunda e incondicional sympathia por quem tambem se soube conduzir, como cidadão e como republicano.

***

Tendo tambem chegado ao seu conhecimento a publicação de uma correspondencia de Espinho, no jornal «O Seculo», do dia 14 do corrente mez, em que, insidiosamente, se pretende apresentar como origem da formação do partido republicano n'esta localidade, o descontentamento de um grupo da politica local, aproveita o ensejo para declarar perentoria e cathegoricamente, que a sua formação só obedeceu á necessidade de propaganda e educação civica de que este concelho tanto carece; e para ainda definir mais precisamente, de uma vez para sempre, o seu campo de lucta, entende dever sentir a todos os partidos monarchicos que a sua orientação se traduzirá sempre por uma guerra aberta, mas leal e franca.

Espinho, 15 de março de 1905.

José Joaquim Bessa de Carvalho
Alberto Delgado
Francisco Joaquim Pereira de Rezende
Bernardo Ramos
Manuel d'Oliveira Granja Caralinda.

Aos nossos assignantes

Prevenimos os nossos estimaveis assignantes de que já principiámos com a cobrança das assignaturas, esperando dever-lhes o favor de pagarem o recibo logo que lhes fôr apresentado, para nos pouparem demoras e prejuizos na cobrança, sempre prejudiciaes ás emprezas jornalisticas.

O «Povo de Aveiro» *só poderá continuar a sua obra de evangelisação de principios e defeza da verdade com o auxilio dos seus assignantes, pois todos comprehenderão as difficuldades que encontrará pela frente um periodico que ousa, como este, erguer a cabeça, n'um meio tão corrompido como o nosso, para dizer sómente o que se lhe afigura de justiça, sem se prender com preconceitos, nem com interesses de grupos ou individuos.*

Não procuramos tirar da publicação do «Povo de Aveiro» *proventos nenhuns, como nunca tirámos. Procuramos só mante-lo com independencia e altivez honesta.*

Aquelles dos nossos assignantes, que residem em terra onde o correio não faz cobrança, pedimos o favor de nos enviarem sem demora a importancia das suas assignaturas em vale do correio.

EPHEMERIDES DEMOCRATICAS

13 de março.—E' fuzilada no Rocio, em Lisboa, a guarda nacional, 1838.

Os reaccionarios não cessavam de conspirar contra a revolução de Setembro. Tendo sahido do ministerio os dois ministros mais sympathicos ao povo e que davam seguras garantias do seu amôr á revolução, Julio Gomes da Silva Sanches e José Alexandre de Campos, o batalhão do arsenal e as forças da guarda nacional declararam que se conservariam em armas até que a crise fosse resolvida, n'um sentido favoravel á revolução. Commandava o batalhão do arsenal o capitão de fragata Ricardo José Rodrigues França, homem valente, muito querido dos soldados e fervoroso setembrista.

O governo, vendo a attitude das forças reunidas no Arsenal, mandou postar a tropa de linha no largo do Pelourinho, com uma bocca de fogo apontada á porta do arsenal. Commandava toda a força o general visconde de Reguengos (Jorge d'Avilez) que intimou as forças reunidas no arsenal, sob o commando de França, a dispersarem. Estas declararam que obedeceriam á intimação mediante certas condições, que foram acceites.

No dia immediato, porem, appareceram na folha official os decretos da dissolução do batalhão do arsenal e da demissão de Rodrigues França de inspector do arsenal. Então este batalhão, e forças consideraveis dos differentes batalhões da guarda nacional, sublevaram-se.

Tendo o batalhão de artilheria da guarda nacional sahido para a rua, foi attrahido traiçoeiramente ao Rocio, onde chegou na intenção de dispersar. As forças do governo, porem, occupavam todas as sahidas e fuzilaram os desgraçados.

Sá da Bandeira desempenhou n'essa conjunctura um papel pouco sympathico.

—

Saint Just denuncia na tribuna da Convenção, 1793, os manejos dos *hebertistas* como perigosos á causa da Republica. Hebert e os seus partidarios são presos n'essa mesma noite.

—

14 de março.—São enforcados, e em seguida queimados, no caes de Sodré, em Lisboa, sete liberaes, 1831.

Vejamos como Soriano descreve o caso:

«No meio d'estas circumstancias chegou a noite de 7 para 8 de fevereiro de 1831 e n'ella se ouviram em Lisboa vagamente alguns gritos de *viva a carta constitucional, viva D. Maria II*, e *morra D. Miguel*. Pela madrugada do seguinte dia 8 foi que distinctamente se perceberam certos signaes de foguetes, partindo das immediações dos differentes quarteis de tropa, e até mesmo perto do castello de S. Jorge. Era evidentemente uma insurreição em começo; mas infelizmente tinha já tido contra si quem a denunciasse, e passasse aviso ao governo, que n'essa mesma noite havia tomado as medidas conducentes para a mallograr; já pelos espiões que fez espalhar entre os soldados, já pelas ordens dadas aos commandantes dos corpos, para lhe fazer pegar em armas, logo que apparecesse algum movimento insurreccional, e já finalmente pelas guardas dobradas, que ás portas dos quarteis se mandaram collocar. Tres mil homens da policia de cavallaria e infanteria, alem de voluntarios realistas, estiveram debaixo de armas, de modo que quando a insurreição se devia apresentar em todo o seu vigor, era exactamente então que os seus effeitos se achavam mais prevenidos, e o governo de D. Miguel mais forte para os rebater. Ao romper da manhã começaram logo as prisões agarrando-se todas as pessoas, que se encontravam nas visinhanças dos quarteis da tropa, bem como alguns dos officiaes dos extinctos batalhões de atiradores, que se apanharam armados e fardados.

Foi logo no dia 9 de fevereiro que se publicou o decreto pelo qual D. Miguel mandou crear nas cidades de Lisboa e Porto as commissões especiaes de que já falámos, devendo compor-se de tres magistrados e quatro officiaes militares de patente superior, para julgarem todas as pessoas comprehendidas nos crimes de alliciação para a revolta, sedição, ou movimentos tumultuarios. Um dos magistrados, á escolha do presidente da commissão, era encarregado de fazer a instrucção summaria e simplesmente verbal, *sem sugeição* a formalidades judiciaes, dizia o respectivo decreto, *de que se tornam indignos os réos de tão execrandos crimes, devendo as respectivas sentenças ser irrimissivelmente executadas nas vinte e quatro horas seguintes áquellas em que forem dadas.* A commissão de Lisboa, composta, já se vê, de nomes bem conhecidos nos annaes da usurpação, taes como o desembargador Antonio José Guião, Joaquim Gomes da Silva Belfort, e Maciel Monteiro, reuniu-se no castello de S. Jorge, e logo no dia 14 de março fez executar no caes de Sodré sete dos infelizes presos, envolvidos nos acontecimentos do mez anterior, que foram, Joaquim José Pedreira, negociante; Vicente Dias de Campos, sargento; Florencio Pereira da Costa, soldado; Joaquim Lopes Martins, cabo; José de Magalhães, creado de servir; Manuel Luiz da Silva, capitão; Antonio Germano de Brito Correia, caixeiro. Feita a execução, as cabeças das victimas foram separadas dos corpos, e estes queimados depois, e arremessadas as cinzas ao mar, para mais não haver memoria de similhantes individuos.»

—

15 de março.—Primeira reunião do concilio de Trento desde o qual data a divisão entre a sociedade civil e o poder clerical, 1545.

—

16 de março.—Mousinho da Silveira decreta a abolição dos dizimos nos cereaes, fructas e vinho, que chegavam a pagar cincoenta, e mais, por cento, 1832.

—

17 de março.—E' preso Herault-Séchelles, membro do comité de salvação publica, 1793.

—

18 de março.—São mortos uns lentes e feridos outros que da commissão da Universidade iam a Lisboa beijar a mão a D. Miguel, levando uma relação de liberaes que deviam soffrer as perseguições do governo absoluto, 1828.

Os liberaes commetteram sempre a estupidez de deixar pesar a ignominia sobre a memoria dos infelizes estudantes auctores do crime, quando a verdade é que, entre os crimes politicos, este de que tratamos é dos mais justificaveis e, portanto, dos mais sympathicos que conhecemos.

Eis como Soriano se refere ao acontecimento:

«Uma sociedade secreta, denominada dos *divodignos*, existia por então em Coimbra, sendo quasi toda composta de estudantes. Adversos ao miguelismo, e ardentes enthusiastas, como todos eram pelas idéas liberaes, quizeram dar provas d'isto, tomando por acto de dedicação patriotica irem na estrada sahir ao encontro da deputação, tirar-lhe as felicitações que deviam entregar ao infante, e juntamente com ellas uma relação, que se suppunha igualmente levar dos lentes e estudantes tidos por liberaes. Approvada como foi esta resolução pela sociedade, treze dos seus membros, todos elles estudantes, uns voluntariamente offerecidos para a execução da empreza, e outros tirados á sorte para preencher o que faltava para aquelle numero, sahiram com effeito de Coimbra na tarde de 17 de março, para o desempenho da sua triste commissão, indo n'aquella noite dormir a uma quinta perto de Condeixa, d'onde na manhã de 18 marcharam appostar-se de atalaia á deputação no sitio do Cartaxinho, situado já para além d'aquella villa cousa de 5 kilometros. Das sete para as oito horas da manhã do citado dia 18 chegavam áquelle sitio as caleças, que transportavam os membros da deputação, os quaes ali foram inopinadamente surprehendidos, e obrigados a largar a estrada, sendo conduzidos com as suas respectivas bagagens para um logar mais retirado do transito. Chegados que foram a elle, abriram-se-lhes os bahús, apprehenderam-se-lhes os papeis, que foram presentes a um improvisado tribunal, formado por uma parte dos aggressores, todos elles mascarados, sendo a outra parte destinada á execução das ordens, que o referido tribunal lhe désse. Discutiu-se o crime dos presos, alguns dos quaes foram condemnados á morte de arcabuzados, tendo outros por si defensores que os livraram d'esta pena. Foram portanto mortos os lentes Matheus de Souza Coutinho e Jeronymo Joaquim de Figueiredo, ficando feridos na descarga, que contra elles se lhes disparou, o deão Antonio de Brito e o conego Pedro Falcão Cotta e Menezes, bem como um sobrinho do citado lente Matheus, que com elle ia para Lisboa. Uma mulher, que de um alto proximo presenceára este barbaro caso, suppondo que eram ladrões os que o praticavam, começou a bradar por soccorro, levantando gritos contra os que suppunha como taes.

Era n'uma terça-feira o dia em que isto teve logar, dia de mercado em Condeixa, e portanto em que para esta villa corria muita gente das povoações proximas, o que fez com que se dirigisse para o logar do crime. Succedeu mais que o general recentemente nomeado para a provincia da Beira Alta, Agostinho Luiz da Fonseca, vinha n'essa occasião em direcção para Coimbra, acompanhado por um seu sobrinho e por uma escolta de cavallaria, cujos soldados, vendo de longe o ajuntamento do povo, correram logo sobre os criminosos, que se haviam dispersado, e que pouco a pouco foram sendo colhidos em differentes distancias, subindo ao numero de nove, cinco dos quaes foram no mesmo dia 18 dormir á cadeia de Condeixa, e quatro na do Rabaçal. Os de Condeixa foram no dia 19 conduzidos para Coimbra, e os do Rabaçal no dia 20, sendo uns e outros recolhidos na cadeia da Universidade, demorando-se n'ella o tempo necessario para serem inquiridos, até irem para a Figueira, onde por fim os embarcaram para Lisboa.»

As infamias que se commetteram contra os desgraçados ve-las-hemos quando chegar o anniversario da sua execução.

—

19 de março.—E' proclamada a communa em Paris, 1871.

INFORMAÇÕES LOCAES

Recreio Artistico.—Solemnisando o seu 9.º anniversario promove a direcção d'esta florescente Sociedade, um «sarau», no Theatro Aveirense, que promette ser interessantissimo.

Eis o programma:

1.ª PARTE—Apresentação do animatographo do theatro Pairet, que pela primeira vez se apresenta em Aveiro e que se exhibirá ao publico na feira de Março. Os numeros expostos serão os seguintes: Esculturas e desenhos; Transformação de duas creanças; A primavera; Chegada do Rei de Inglaterra a Lisboa; Jogo de Malabares; Uma tourada em Madrid.

Estes quadros são acompanhados com um gigante gramophone.

2.ª PARTE — Gymnastica, pelos ex.mos srs. Agostinho Migueis Picado, José Augusto, Henrique Sobreiro, e Antonio Maia.

3.ª PARTE — Quatro interessantes cançonetas pelos ex.mos srs. Manuel da Graça e João Telles. Uma poesia dedicada ao anniversario do Recreio, feita pelo ex.mo sr. J. P. Ferreira Junior, que será distribuida.

4.ª PARTE — Sortes de prestidigitação pelo ex.mo sr. Luiz Couceiro, por especial deferencia para com a direcção.

Nos intervallos, reproduzirá por obsequio do ex.mo sr. Francisco Pinto d'Almeida, o seu *gramophone* as melhores musicas que possue.

Termina o *sarau* com um baile.

A nossa carteira.—Com sua esposa e filhos, retirou d'Agueda para Vizeu, onde é delegado do procurador régio, o sr. dr. Affonso de Mello.

— Esteve quarta-feira n'esta cidade o sr. Conde d'Agueda.

— Tem estado bastante doente o sr. Manuel Gonçalves Netto.

Desejamos as suas melhoras

— De Agueda onde foi passar as férias do carnaval, regressou a esta cidade o sr. padre José Marques de Castilho, director da Escola Districtal.

— Tem estado em Lisboa, sr. dr. Leopoldo Mourão, governador civil do Porto.

— Teem experimentado sensiveis melhoras os srs. João Marques da Cunha e dr. Antonio Francisco Marques de Moura.

— Tambem já se encontra em via de restabelecimento, o sr. dr. Abilio Gonçalves Marques, clinico da Oliveirinha.

— Tem passado incommodado de saude o sr. desembargador Joaquim de Mello Ribeiro Pinto, de Agueda.

— Tambem tem passado mal de saude, a menina Zaira d'Annunciação, filha do sr. Joaquim de Mello Pinto Leitão.

— Fizeram annos, na segunda-feira, o sr. dr. Antonio Homem de Mello, secretario do tribunal do commercio do Porto e a sr.ª D. Adelaide da Rocha Cunha, esposa do sr. João Cunha.

— Partiram para Villa Verde, com pouca demora, o sr. dr. João Feio Soares d'Azevedo e sua esposa.

— Falleceu em Castello de Paiva, a menina Marianna, filha do sr. Augusto da Maia Romão, chefe da secção das obras publicas d'alli. Sentimos.

EM LEGITIMA DEFEZA

CARTA ABERTA

I

Sr. Redactor da «Vitalidade».

No ultimo numero, 511, do seu jornal sob a epigraphe—*A policia*, vem inserta a seguinte carta:

Sr. Redactor. — Vou contar-lhe uma das ultimas façanhas da policia d'Aveiro. Embora passada já ha dias, ainda tem um certo ar de frescura.

Um pobre homem da Costa de Vallade, achando-se um tanto embebido no summo da uva, sonhou, ou alguem lhe disse que chamasse um medico para ir vêr uma parturiente e deu esse recado. O clinico montou a cavallo e poz-se em marcha, mas a meio do caminho soube que houvera engano na chamada, pois se havia parturiente, não reclamava ajuda da medicina.

Ora depois d'isto, o tal devoto do Baccho, que sonhou, ou lhe disseram o recado para o medico, é introduzido na policia, e levado sob custodia, d'Aveiro á Costa e da Costa á Oliveirinha, exigindo-se-lhe 40 ou 50 mil réis para pagar o caminho ao medico, ou... d'emolumentos.

Que lhe parece? Não merece este caso os commentarios da imprensa?

D. V., etc.,

F.

Em face d'esta noticia, que se affasta muito da verdade, venho declarar que fui eu o medico chamado e enganado. Resumidamente, eis o que se passou:

No dia 26 de dezembro ultimo, á noite, appareceu em minha casa um homem a cavallo, Manuel Carrancho, vulgo o *Capador*, morador na rua do Ramal, na Costa de Vallade, reclamando urgentemente os meus serviços clinicos para uma mulher, sua parente, que, ha tres dias, estava em trabalho de parto, no Fontão. Este logarejo pertence á freguezia de Sôza, concelho de Vagos, e dista da minha casa, na Costa de Vallade, cerca de seis kilometros.

— Que levasse os ferros para tirar a creança e que o acompanhasse.

Respondi que só poderia ir d'ahi a uma hora, pouco mais ou menos, pois tinha chegado de fóra havia cerca d'um quarto d'hora, e estava a jantar.

— Tem de vir, commigo já, que eu acompanho-o, pois é uma grande necessidade; senão, vou chamar outro medico, retorquiu o homem.

— Mas deixe-me, ao menos, jantar e preparar uns ferros.

— Então avie-se depressa, continuou o homem, que eu vou a casa dar uma ração ao cavallo e volto a procural-o.

Jantei, desinfectei os ferros que reputei imprescindiveis, pois julguei, pelo relato que o homem fez, que era d'uma intervenção a *forceps* que se trataria, e fui, debaixo da chuva torrencial que cahia, procurar um carro. Ninguem quiz sahir com tal noite, e por caminho tão mau.

Voltei a casa e mandei chamar um homem, Joaquim d'Oliveira Chaparro, para me acompanhar e levar os ferros.

O homem que veio chamar-me, no entanto, não apparecia, e como fosse perto das 9 horas, e o tempo não melhorasse fui a casa procural-o. Ahi disse-me a mulher que o marido estava já deitado. Surprehendeu-me deveras este facto, e pedi-lhe para me deixar fallar-lhe.

— E' verdade estar alguem de parto no Fontão? perguntei. Veja lá, homem, não me obrigue a ir debalde, por uma noite d'estas, ao Fontão.

— Vá ao Fontão, procure a minha prima Maria Carrancho, filha do meu tio Joaquim, que está muito mal. Não se demore.

Montei, então, a cavallo e parti, acompanhado pelo Joaquim Chaparro. Eram 9 horas da noite. Noite chuvosa e fria.

Chegado ao Fontão, bati a uma das primeiras casas e perguntei onde morava a Maria Carrancho, que estava de parto. Responderam-me que isso era engano, com certeza, pois essa mulher era viuva e honesta. Mas então será outra, pois o homem não me ia enganar—pensei, e tratei de indagar se alguem estaria de parto, pois o homem podia esquecer ou confundir o nome da parturiente.

Trabalho baldado. No Fontão não havia ninguem de parto.

Voltei para a Costa de Vallade, onde cheguei perto da uma hora da manhã, ensopado em agua e enregelado com frio.

No dia seguinte consultei um advogado para saber se me assistia o direito de exigir os meus honorarios, como se a operação fosse feita. O advogado respondeu affirmativamente.

Communiquei o caso á policia e o homem veio pagar dias depois.

Eis o que se passou. Esta é a pura verdade.

Como facultativo municipal, eu não podia negar os meus serviços dentro da minha área, e quando este cliente, da área do meu partido, me chamou,-não reparei que a parturiente pertencia a um concelho estranho. Mas, mesmo assim, eu nunca neguei os meus serviços a ninguem. Demais, este caso, a ficar impune, fructificaria facilmente, e ámanhã vêr-me-ia chamado por qualquer garoto da rua e escarnecido em cima. Era uma garotada que feria a minha dignidade de homem e de clinico.

E se ámanhã eu me negasse a qualquer chamada, por suspeitar da sua veracidade, iriam queixar-se á camara do medico que lhes negou os serviços. E como havia eu de distinguir uma *chamada a sério*, d'uma *chamada falsa*? Só assim, a meu vêr, obrigando o espirituoso—embora fosse espirito de vinho o que o animava—a pagar a operação como feita. Foi o que pedi. Para servir de lição, para servir de escarmento.

Eis o que se passou.

Costa de Vallade, 2 de fevereiro de 1905.

De V., etc.,

Abilio Gonçalves Marques.

Nota.—Foram testemunhas dos factos que relatei — Manuel da Costa Estevam, Rita Genrinha, João d'Almeida Vidal, José d'Almeida Barreto e Joaquim d'Oliveira Chaparro.

CARTA ABERTA

II

Antes de começar:

A *Vitalidade* na 2.ª pagina do seu n.º 511, de 28 de janeiro, publicou, sob uma informação falsa na sua parte mais essencial, uma local intitulada *A policia*. Adivinhava-se, transparecia ali, quasi, um pequenino desejo de beliscar o meu nome. Vim dizer a verdade, a maneira como os factos se passaram, e o referido jornal que publicou, para maior destaque, a sua *veridica* local na 2.ª pagina, para se vêr bem, *atirou* para a secção dos communicados, depois de lhe escamotear o titulo e de a mutilar, a *Carta aberta* que lhe dirigi. Para passar, talvez, despercebida a desaffronta de um homem que mostrava a mentira do referido jornal.

A' *Vitalidade* impunha-se o dever de publicar a minha *Carta aberta* na mesma pagina em que fez os seus commentarios.

E agora, no dia 17 do corrente, enviámos segunda *Carta aberta*, por um proprio, á redacção do mesmo jornal. Mas a *Vitalidade*, que não gosta de nomes feios, — a candida açucena, a branca flôr do liz que nunca arrancou do pó dos caixotins adjectivações más —, achou aggressivo, formidando o nosso artigo e, toda formalisada, respondeu:

— Que não podia publical-o nas suas columnas.

E tinha razão, afinal. Pois não era aquella carta uma exautoração publica do informador e dos reparos que a mim se permittiu fazer v. ex.ª, sr. redactor? Indubitavelmente.

Pois bem. Seremos compassivo, generoso, condescendente, d'esta vez. Não irá o artigo incendiario que tanto o apavorou. Substituil-o-ha, agora, uma prosa branda, uma especie de agua morna com assucar. E v. ex.ª tem razão. Não se bate em homem morto e a questão da *Vitalidade*, pelo seu lado, está morta, miseravelmente morta. E' uma mão cheia de mentiras. Dar publicação nas suas columnas á minha carta seria confessar um erro, penitenciar-se e a *Vitalidade* prefere morrer impenitente, mas erecta.

E sem pensar que nos causava dó a incorrecção da sua negativa, fechou-nos a porta á nossa defeza. Mas o que a *Vitalidade* não conseguiu, nem consegue, é fechar as consciencias limpas para não nos lêrem nem apreciarem a vileza do seu procedimento.

Ill.mo e Ex.mo Sr. Redactor da «Vitalidade»:

«No n.º 512, de 4 do corrente, da «Vitalidade» n'um artigo epigraphado «Advertencia», diz V. Ex.ª:.....

.....

«A policia não tem, não póde ter attribuições para impôr a quem quer que seja penas pecuniarias, ou reparações materiaes de qualquer ordem, e ninguem que se preze irá demandar da policia serviços d'essa especie....

.....

«Mas se é necessario que a policia cumpra o seu dever, não o é menos que os cidadãos, sobretudo os mais illustrados, não reclamem da policia serviços abusivos.....

.....

..... Mas tambem é preciso que os cidadãos não lhe façam pedidos absurdos e abusivos».....

.....

Isto, teima v. ex.ª em frizar bem, como quem quer fazer uma reprimenda ao meu procedimento.

Pois ouça, então: — Não sou um profissional e, por isso, segui a indicação que me fizeram. Fui a Aveiro, á esquadra, contei verbalmenta a garotada de que tinha sido victima e perguntei se podia dirigir-me ali reclamando a minha indemnisação. Responderam-me que sim, que officiasse. Officiei, então.

Onde está, diga sr. redactor, o meu pedido absurdo ou abusivo?

Exorbitou a policia? Excedeu as suas attribuições?

Nada tenho com isso. Não tomasse conta do caso. Isso, é lá com ella.

Não era a entidade policial que eu procurava, sr. redactor, para lhe fazer um pedido abstruso, inconfessavel; era ás leis do meu paiz que eu pedia o castigo d'uma canalhice para não mais se repetir um caso semelhante. Iria procural-as á esquadra, ao tribunal, fosse onde fosse. Queria que me ouvissem e que julgassem como fosse de justiça. Apenas isso.

Até n'essas considerações foi v. ex.ª infeliz, como vê, sr. redactor. E se v. ex.ª tiver uma sombra, deve que seja, de dignidade, deve quebrar a penna com que rabiscou tamanha injuria. Isso é o que deverá fazer *qualquer cidadão que se preze*. Só o não fará qualquer calumniador d'officio. Estar ao dispôr de qualquer intrujice para enxovalhar cidadãos, é um mister que as consciencias limpas repudiam.

***

O seu informador

Não desço a vergastal-o. Não vale a pena. Afinal, reconsiderando, v. ex.ª fez bem em se negar a publicar a minha segunda *Carta aberta*. Não enxovalha, na verdade, quem quer. E como v. ex.ª deve estar convencido, pela exposição sincera dos factos que fiz, o seu informador mentiu com uma falta de pudôr inqualificavel. E a um mentiroso anonymo, não se bate, vira-se-lhe as costas.

O seu informador viu-me fallar ao carro para me transportar ao Fontão; viu-me censurar asperamente e publicamente o cocheiro que se negou a sahir commigo, apezar da noite tempestuosa que fazia, para um caso urgente e que eu reputava grave; viu toda a gente que estava no estabelecimento do sr. Ernesto Simões Maia, onde este facto se passou, lamentar a minha sahida por uma noite tão desabrida. Viu isso e soube, como toda a gente ahi, que o Carrancho se vangloriava do *feito*, nos dias seguintes, e me escarnecia por me deixar enganar por um simples lavrador.

Soube perfeitamente que só depois que o homem começou a escarnecer-me, a insultar-me mesmo, eu me resolvi a proceder. Soube-o mas aprouve-lhe mentir.

Toda a gente limpa me incitava a castigar a garotada para servir de exemplo.

O que levou, pois, o seu informador a fazer a sua queixa? Achou exorbitante a quantia que reclamei?

Isso não lhe compete avalial-o. E' demasiado pequeno para fazel-o.

Não preciso citar factos demonstrativos do meu desinteresse. Abundam, p'rá hi, ás centenas. Vêem-se dia a dia. Isso bastava, feito um pequeno inventariosinho, para inutilisar a intrujice do seu informador. Bastava eu descrever um caso, bastante recente ainda, para confundir o seu informador, para o nullifazer.

Se tiver empenho, eu conto-o. Mas ha de o seu informador fazer o pedido assignado. Se não puder apparecer tal qual é, com mêdo de despertar a hilariedade indigena, que ponha um *chinó*. O anonymato, a tréva é só para os morcegos. E nós embirramos com esse pequenino mammifero.

O seu informador não sabe, nunca soube o que é um homem gastar uma grande parte da vida pelas escolas e, depois, baratear por ahi a saude ao serviço do povo n'uma cruzada dolorosa e extenuante e miserrimamente remunerada — a clinica da aldeia. Se o soubesse, se tivesse sido educado na religião santa do trabalho, havia de saber respeitar a abnegação, os sacrificios, a actividade e a dignidade dos outros. Se o soubesse havia de reconhecer — o que eu, no entanto, bem alto e publicamente o dizia, — que eu queria apenas rasgar uma ferida bem fundo para exemplo. Mas não, a sua insufficiencia intellectual, a sua rudimentarissima cerebração leva-o a cahir n'esses ridiculos. Que vontade insaciavel de ser mau!

Mas, sr. redactor, já agora, para terminar, quero contar-lhe dois casos apenas que bastam para aquilatar a grandeza moral do seu informador. Ouça, mas ha de prometter conservar a sua gravidade habitual:

«Ha tempo, uma mulhersita que seguia para Aveiro, encontrou o seu informador aqui, na Costa do Vallado, á porta do sr. Albino Martins Pereira, e pediu-lhe uma quantia qualquer por uns serviços em divida que lhe havia prestado.

O seu informador esbofeteou a mulher em plena rua atirando-lhe ao chão um cesto que levava á cabeça com ovos. A pobre mulher, passado o incidente, seguiu o seu caminho em direcção a Aveiro.

Sabe o que succedeu á mulhersinha, sr. redactor?

O seu informador montou na bicycletta e foi a Aveiro, á esquadra. O que lá contou de tetrico e feio... não sei, nem procurei sabel-o, mas a verdade é que a desgraçada, em Aveiro, ao passar em frente á esquadra, foi capturada e retida o resto d'esse dia, toda a noite e só foi posta em liberdade no dia seguinte ás dez horas da manhã. E para conseguir a libertação da *criminosa* teve a familia de mover grandes empenhos. Era preciso que o seu informador *perdoasse* e isso era difficil, elle estava teimoso, diziam.

Os pedidos foram e o seu informador *perdoou* emfim.

Que magnanimidade!

E sabe o melhor da passagem, sr. redactor?

A desgraçada, depois de solta, teve de ir pedir perdão áquelle que a esbofeteou e fez prender. Era este o preço do seu indulto.

E não se queixou das arbitrariedades da policia!

Não foi procurar o concurso da sua penna anctorisada, sr. redactor, para escalpellar o procedimento da policia que lhe consentiu tal monstruosidade! O que é a moralidade e o caracter de certos homens!

— Ha tempo, roubaram na Oliveirinha, n'uma quinta, umas tres cannas e o seu informador, é que levou a queixa á esquadra e seguiu muito de perto essa questão

E essa *mesmissima* policia d'hoje arbitrou quatro mil e quinhentos réis por cada canna que o desgraçado roubou e teve de pagar. Era um miseravel, quasi sem eira nem beira, o gatuno.

E n'este caso, ó misérias das misérias, o seu informador não se queixou da policia e, no entanto, ella **impunha reparações materiaes!...**

E v. ex.ª, sr. redactor, foi mudo, então, como uma rocha, e só agora, no meu caso, talvez por ser meu, é que uma simples informação fez jorrar da rocha, até ahi muda, *torrentes de eloquencia e de bom senso...*

Ahi tem o fundo moral do seu informador que tão amigavel e conscienciosamente o informa.

E já que se permittiu a ousadia, de, ao serviço d'uma causa injusta, tentar denegrir o meu procedimento, deixe-me, já agora, imitando-o, tomar uns ares de conselheiro (sem ser Accacio, intenda-se) e dizer-lhe:

— Informações d'essas, sr. redactor, pega-se-lhes com uma tenaz e mettem-se por uma sargeta ou atiram-se para um saguão.

Costa do Vallado, 22 — 2.º — 905.

ABILIO GONÇALVES MARQUES.

Sr. redactor.—Alguem, que não conhecemos, disse algures que a illuminação publica em Aveiro era boa e parallelisava com a das mais terras do paiz, por isso que a campanha levantada nos jornaes contra o director do gaz, era por accinte e não por amor á verdade. Ora como ainda, até hoje, ninguem desmentiu o que uma vez affirmámos, porque temos sempre a consciencia do que avançamos, vamos hoje, e talvez por ultimo, mostrar a quem nos lê, quanto o publico tem sido lesado, em relação ao parallelo com as outras localidades illuminadas a gaz, e como a Companhia lança ao desprezo esta pobre terra, fornecendo-lhe uma pessima illuminação, como qualquer aldeia ahi possue.

E' sabido que o municipio paga annualmente por cada candieiro a quantia de 16:000 réis; que a hora de accender e apagar tem sido irregularissima, fazendo-se, ainda ha pouco, esse serviço de noute; que os bicos dos candieiros se teem assemelhado a pequenos pavios, que se apagam ao mais leve sopro da brisa.

Pois bem. A parallelisar com esta *bonita* illuminação e com aquella formidavel cifra, vamos nós collocar o contracto celebrado entre a camara municipal de Setubal e a Companhia do Gaz que alli fornece a illuminação publica.

Para isso vamos servir-nos do proprio testemunho do vereador do pelouro da illuminação d'aquella localidade, e que acaba de fornecer a um nosso amigo os seguintes esclarecimentos, feitos á face do mesmo contracto:

..... sou a dizer-lhe que cada candieiro de illuminação a gaz custa por anno 9:000 réis; o padrão da luz é de bico de leque, de 0,m08, consumindo 150 litros de gaz por hora, sobre a pressão de 0,m020. A hora de apagar e accender é variavel; no presente mez começa a accender ás 5,55 da noute e a apagar ás 5,40 da manhã.....

Ahi teem os deffensores do director da Companhia do Gaz a razão porque nós, tendo d'isto conhecimento ha muito, não nos conformámos nunca com a relissima illuminação que nos teem impingido, o que motivou os protestos unanimes do publico e que o vae levando a substituir por completo o gaz pelo carboneto.

E' o resultado que tira quem não soube harmonisar os interesses do publico com os da Companhia, que, diga-se de passagem, por sua vez tambem andou com a *pedra no sapato* no contracto que fez com a camara contractadora, pois alem de não estabelecer o padrão da luz, como lhe competia, foi collocar o gazometro no ponto mais alto da cidade para que o gaz chegasse cá abaixo sem poder illuminante e por conseguinte sem força para o consumo.

O padrão da luz de Setubal póde servir de norma para regular o padrão da luz d'esta cidade.

A companhia tem que attender ás nossas queixas, que são justificadas e rasoaveis.

A Cesar o que é de Cesar.

Se tiver de voltar ao assumpto dirá ainda mais o seu

Velho assignante.

METHODO JOÃO DE DEUS

LEITURA

Primeira parte—**Cartilha Maternal** ou **Arte de Leitura**—16.ª ed., cart. 300 réis, broch. 200

Album, ou livro contendo as licções da *Catilha Maternal* em ponto grande . . . . . 5$000

Quadros Parietaes, ou as mesmas licções em trinta e cinco cartões. . . . . 6$000

Segunda parte—**Os Deveres dos Filhos**—16.ª ed., cart., 300 réis, broch. 200

Guia prático e theorico da Cartilha Maternal—1 vol. de 170 pag., compilado por João de Deus Ramos. 160

ESCRIPTA

Arte de Escripta—(2.ª ed., melhorada), 9 cadernos com algumas explicações práticas, cada. 30

Livros de polémica sôbre o Méthodo

A Cartilha Maternal e o Apostolado. 500
A Cartilha Maternal e a Crítica. 500

Do mesmo auctor:

LITTERATURA

Campo de Flôres—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.ª ed. 700
Prosas—Coordenadas por Theophilo Braga 800

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.º—LISBOA

As livrarias, municipios, institutos de ensino, etc., que requisitarem no Deposito geral das obras escolares de João de Deus mais de 20 exemplares, terão a seu favor o desconto de 20 por cento; 500 exemplares (podendo ser 250 da Cartilha e 250 dos Deveres, ou em porções desiguaes d'estes livros), 25 por cento; assim como de 1 a 9 collecções de Quadros Parietaes, ou de Albuns, 20 por cento; 10 collecções, 25 por cento.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escriptu.

A' VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

—DE—

Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça,* corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A **450** E **360** REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

RU DE JOSÉ ESTEVÃO—79

EM TODA A PARTE OS

Armazens

Grandella

o mesmo do que

Uma succursal em cada terra da provincia!

Não precisa mandar dinheiro adiantado

Requisitar apenas catalogos ou amostras aos nossos armazens.

Fazer a escolha e pedido e pagar no correio á recepção da encommenda.

Faça-se um pedido a titulo d'experiencia

Grandella & C.ª

LISBOA

PADARIA FERREIRA & MACEDO

AOS ARCOS

AVEIRO

NESTE estabelecimento de padaria, especial no seu genero em pão de todas as qualidades, se encontra á venda:

Pão proprio para os diabeticos, pão torrado e ralado, café de 1.ª qualidade, a 720 réis cada kilo; dito de 2.ª, a 480; chá, desde 1$600 a 3$600 o kilo; massas alimenticias de 1.ª qualidade, a 140 o kilo; ditas de 2.ª, a 120; vel'as marca *Sol*, cada pacote, a 180; ditas marca *Navio*, a 170; bolachas e biscoitos, pelos preços das principaes fabricas da capital.

Vinhos finos e de meza, por preços modicos.

Todos estes generos se mandam a casa do consumidor á hora que o exigir.

José Monteiro Telles dos Santos J.or

DENTISTA MECANICO

Colloca dentes e dentaduras artificiaes. Concerta qualquer dentadura partida, ou a que falte qualquer dente; óbtura a ouro, prata, platina, e a cemento, tudo por preços baratos. Não se recebe qualquer quantia ficando o trabalho imperfeito.

RUA DA COSTEIRA

(Em frente da Estatua de JOSE ESTEVAM

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empreza previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de productos do matadouro de Lisboa, sangue secco e pulverisado para adubos (o mais rico em azote,) couros, sebo, e tripa a 200 reis o masso.

R. da Boa Vista, 3—Lisboa

EMPREZA CERAMICA

DA

FONTE NOVA

DE

Mello Guimarães & Irmãos

AVEIRO

FABRICA a vapor de telha do systema de Marselha, feita pelos processos mais modernos e aperfeiçoados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande quantidade de telha franceza e seus accessorios, e bem assim outros artigos para construcções, taes como: azulejos para revestimento de paredes de variados gostos, vasos para frontarias, siphões, balaustres, manilhas, etc., productos que rivalisam com os das principaes fabricas congeneres do paiz.

Tejolos de varias dimensões.

PREÇOS MODICOS

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relogios de bolso e de salla.

Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUITYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA E FERRAGENS

—DE—

ANTONIO FERREIRA FELIX,

Filhos (Successores)

NESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de differentes marcas, arame para ramadas, rêde para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 a 45—AVEIRO